

Resenha do livro: As competências do terapeuta winnicottiano, de Elsa Oliveira Dias

Dias, E. O. (2021). *As competências do terapeuta winnicottiano*. São Paulo: DWWeditorial.

Conceição Aparecida Serralha¹

Ao vivenciarmos as mudanças sociais e culturais advindas, não só de ganhos, mas também de perdas, das lutas empreendidas em nosso tempo relacionadas a questões de direitos, gênero, religião e demais âmbitos, vamos nos dando conta daquilo que Winnicott já dizia na década de 1950, referindo-se ao tratamento das neuroses, quando afirmava que a era da psicanálise, que tratava pessoas que tiveram um bom começo, estava terminando. Embora não possamos impedir ou condenar essas mudanças, já que várias delas devem ser saudadas e até aprimoradas, o indivíduo nascente pode sofrer uma vez que suas necessidades não se alteram e continuam exigindo satisfação por parte de um ambiente que, em razão das modificações sofridas, tem tido cada vez mais dificuldades de adaptar-se para essa satisfação.

Muitas vezes, o ambiente no qual o indivíduo nasce, mesmo repleto de tecnologias avançadas, não consegue acompanhar o ritmo, a necessidade de colo (*holding*) e o respeito ao tempo que ele necessita para o seu amadurecimento. Os cuidadores estão apressados, imersos em seus próprios interesses e necessidades de sustento ou existenciais, e não conseguem oferecer o cuidado necessitado pelo filho, sequer encontrando cuidadores substitutos que possam fazê-lo de forma adequada.

Assim, é cada vez mais consensual a gravidade com a qual estão chegando os casos na clínica psicanalítica no sentido da primitividade dos traumas. Casos que a problemática não está relacionada aos impulsos instintivos que surgem a partir de fantasias ou de interrelações diretas com pessoas sendo o próprio paciente uma pessoa inteira. Casos que ainda não se relacionam a conteúdos recalcados no inconsciente. Casos em que o trauma ocorreu nos estágios iniciais de vida e impossibilitou a continuidade do amadurecimento emocional do indivíduo.

¹Professora Associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Mestre e Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro do Grupo de Filosofia e Práticas Psicoterápicas da UNICAMP (GrupoFPP) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise (GEPPse) da UFTM. Membro do Instituto de Psicanálise Winnicottiana (IBPW). E-mail: serralhac@gmail.com.

Dentro da psicanálise tradicional, a tentativa tem sido sempre de compreender o que levou a essa gravidade e pouco temos visto em termos de discussão sobre as mudanças no tratamento que possam dar conta desses cenários. Em seu tempo, mais do que mostrar a ineficácia da interpretação do inconsciente recalcado em contextos assim, Winnicott apontava a importância do manejo, que mesmo não sendo reconhecido na tradição psicanalítica como um procedimento *stricto sensu*, para ser realizado necessita de uma compreensão teórica. Precisamos compreender a vulnerabilidade, a dependência ou as imaturidades do paciente, assim como do seu ambiente, e saber o significado e a direção do manejo nesses casos. Mesmo que se trate de um paciente adulto, como disse Winnicott, ele pode ter nenhuma idade ou todas as idades e vamos precisar nos atentar a isso. Vamos precisar saber como ele chegou a nós e esse como não é se ele chegou sozinho, acompanhado, encaminhado por alguém ou em crise, mas sim como ele chegou em termos de amadurecimento emocional. O manejo, na clínica, tem um olhar para o contexto global, que auxilia a prevenir o inesperado que mobiliza as defesas do paciente.

Winnicott, em *Os bebês e suas mães*², de 1987, afirmou que, se a criança não começa bem sua vida, ela não vai conseguir “desfrutar do legado cultural e a beleza do mundo não passará de um colorido torturante” (p. 20). Para ele, trata-se de uma questão de sorte da criança ter a oportunidade de começar bem ou não, de nascer em um ambiente no momento em que este se encontra saudável e amadurecido o suficiente para oferecer as condições necessárias ao desenvolvimento das tendências herdadas dela. E começar bem faz a diferença no modo como essa criança (adolescente ou adulto) nos chegará para ser cuidada.

É, então, esse o diagnóstico que temos de fazer. Para isso, vamos precisar conhecer a história do indivíduo que nos busca para tratamento. Atenta, desde a publicação da primeira edição do seu livro *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, em 2003, Elsa Dias tem buscado incessantemente nos mostrar a especificidade do trabalho psicanalítico winnicottiano. Como bem apontado por ela, aqueles que não tiveram sorte, e em razão disso apresentam distúrbios primitivos, precisam de um analista capaz de dar conta da regressão à dependência, manejando a situação, tanto no *setting* terapêutico quanto fora dele, relacionada às condições atuais da vida de cada um.

Com esse paciente mais imaturo, vamos precisar lidar de uma forma bastante aproximada da forma como a mãe lida com o seu bebê. Para Winnicott, temos que ter o desejo de auxiliar, a capacidade de nos identificar e, com isso, satisfazer as necessidades

²Winnicott, D. W. (1987). *Os bebês e suas mães*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

do paciente tão logo sejam indicadas de forma verbal, não verbal ou pré-verbal. Temos que observar tudo o que esse paciente nos mostra e receber sua comunicação, pois ele pode não conseguir nos dizer. Ele está apenas, muitas vezes, comportando-se reativamente e temos que ter muito tato para não provocar mais defesas. Em seu texto *O relacionamento inicial da mãe com o filho*³, de 1960, Winnicott afirma:

Se eu estiver certo, é o par mãe-filho que nos ensina os princípios básicos nos quais baseamos o nosso trabalho terapêutico, quando tratamos crianças que não receberam uma maternagem suficientemente boa quando bebês, ou cuja relação com a mãe foi interrompida (p. 28).

Em vários casos, a interpretação pode compor com o manejo para fornecer a sustentação necessitada pelo paciente. Entretanto, de acordo com Winnicott, quando se trata de uma pessoa que ainda é muito imatura, o essencial ao analista é que ele seja capaz de *suportar a regressão real à dependência*. Nesses casos, o manejo, ou seja, o cuidado ativo direto e indireto é essencial. Desse manejo fazem parte cuidados ambientais e físicos, a partir de providências que são tomadas para prevenir os perigos.

Depois de nos apresentar, em vários artigos e livros, a tessitura da teoria do amadurecimento humano proposta por Winnicott – que nos permite perceber as minúcias das relações pessoais, ou da incapacidade para estas, que estão na origem de vários distúrbios maturacionais por passarem ao largo das necessidades profundas do indivíduo nascente –, Elsa Dias nos faz entender que, ao nos encarregarmos da situação do cuidado a um paciente, precisamos ser capazes de desenvolver competências que nos auxiliem a tratar uma pessoa afetada por uma história anterior ao seu nascimento e por toda a história de seus relacionamentos iniciais. Preocupada com a formação de analistas e terapeutas capazes de assumir esse cuidado, ou seja, o tratamento de pacientes regredidos – mas não só –, Elsa nos brinda com uma obra concisa, didática e extremamente valiosa: *As competências do terapeuta winnicottiano*.

Nessa obra, ao considerar o terapeuta instrumento imprescindível à realização do que ela aponta como uma clínica em *care-cure*, uma clínica do cuidado, na qual também se faz a cura pela palavra, sem se resumir a esta, Elsa discute a formação – institucional e teórico-clínica –, a personalidade – competências relacionadas aos atributos pessoais – e as aptidões e/ou conquistas adquiridas no treinamento supervisionado do terapeuta, resgatando da obra winnicottiana tudo aquilo que é necessário à atitude profissional deste. Essa atitude, na psicanálise modificada de Winnicott, promove e mantém a confiabilidade

³Winnicott, D. W. (1960). O relacionamento inicial da mãe com o filho. In D. W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp.21-28). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

do terapeuta, essencial para que o tratamento possa ocorrer: manter-se o mesmo, não se defender ou se proteger, ser pontual, regular e evitar imprevisibilidades, não desistir, não desanimar, não se vitimizar ou retaliar e estar orientado para as necessidades do seu paciente. Por conseguinte, Elsa destaca a importância da seleção dos candidatos a analista ou terapeuta winnicottiano de responsabilidade dos formadores, discutindo a dificuldade dessa seleção em razão de defesas falso si mesmo do candidato, por exemplo, e ressaltando o valor da auto seleção possibilitada pela análise pessoal deste.

Publicada no formato de *livro de bolso* ou *pocket*, que facilita a leitura e pode nos acompanhar em várias situações em que a releitura de uma orientação tende a ser de imenso auxílio, essa obra é mais uma importante contribuição de Elsa Dias para o aprimoramento da formação de analistas ou terapeutas winnicottianos. Corroborando o pensamento de Winnicott, de que para nos tornarmos analistas ou terapeutas competentes a intuição não basta, Elsa resalta nesta obra a “qualidade da presença do terapeuta, da sua atenção, e sua disposição para o cuidado” (p. 47), além de sua capacidade para identificação e de sua consistência, necessárias para sustentar a situação no tempo. Se isso ocorre, haverá “a lenta reposição da experiência traumática por uma nova experiência: a de começar a confiar no ambiente” (p.108).

Trata-se, portanto, de uma obra destinada a profissionais e futuros profissionais dedicados ao cuidar ético do ser humano. Nesta, o leitor encontrará não somente indicações das fontes primárias do pensamento winnicottiano, como também das reflexões e estudos feitos ao longo da prática docente e clínica da autora, cuja competência na área é ímpar. Em razão de seu generoso compartilhamento de aprendizados e saberes, a autora nos fornece uma leitura profícua e, com certeza, o leitor terá o retorno esperado.